

SARTRE, 100 ANOS

Se, vivo, Sartre estaria completando 100 anos. Mas é certo que, mais que qualquer outro pensador do último século, sua vida ultrapassou em muito os limites exíguos das marcações cronológicas. Mais que os quase 75 anos vividos entre 1905 e 1980, mais que os cem anos que agora se comemoram, a condição inigualável de pensador total deu-lhe, na verdade, e talvez para nunca mais, o caráter intemporal do homem que compreende a integralidade de seu tempo, e que, portanto, estando dentro dele mais do que qualquer outro, está também fora dele, para além desse tempo que é o seu.

Último, possivelmente, a encarnar o ideal iluminista do Intelectual pleno, do filósofo-ativista, cuja militância é a efetiva militância do Pensamento em sua realização material, vivida, algo hoje já quase incompreensível, talvez devêssemos encontrar aí o modo de explicação do verdadeiro alcance e sentido da *obra* sartriana para nós, nesse ponto, precisamente, já dele tão distantes: a coincidência intransigente entre vida e pensamento, entre ação e avaliação. Ninguém pôde entender e expressar melhor sua condição central do que de Gaulle quando, no auge da Guerra da Argélia, aconselhado a decretar a prisão de Sartre por seu incisivo ativismo anti-colonialista, respondeu com a frase: “Não

se pode prender Voltaire?”. E desde Sartre, de fato, ninguém mais pôde exercer tamanha força de barragem sobre o poder.

Herói do pensamento, herói da literatura, herói da militância política, Sartre o foi antes, porém, por renúncia, por sucessivos e inesperados deslocamentos. Recusa em lecionar, renúncia ao Prêmio Nobel ofertado em 1964, recusa, de todos os modos, como ele não cessava de dizer, em “institucionalizar-se”.

Mas a comemoração do centenário é ocasião, ainda, para uma reavaliação de sua filosofia. A partir de um certo período, Sartre tornara-se o alvo preferencial de todo crítico, filósofo ou não-filósofo, à direita ou à esquerda. Na Filosofia, o mote principal foi sempre o de que seu pensamento, na verdade, era uma reprodução simplificada da fenomenologia de Husserl e Heidegger. A distância no tempo já é suficiente ao menos para nos mostrar que não é nada disso.

Muitos dos novos caminhos tomados na Filosofia, nesse último século, que vieram acentuar seu distanciamento do período moderno, tiveram em Sartre um agente fundamental, senão um precursor: uma acepção impessoal ou a-subjetiva da transcendentalidade, retomada por Deleuze, a “metodologização” do marxismo com vistas à instauração de um (novo) *pensamento material*, levada adiante por nomes como Althusser ou já Negri e Hardt, bem como as insistentes e preciosas relações estabelecidas entre filosofia e literatura, hoje desenvolvidas por Derrida, enfim, boa parte das principais formulações das filosofias que lhe sucederam acabam por contar com a presença onipresente, mesmo que até certo ponto inesperada de Sartre: *deus in machina*.

Assim, nesse atual tempo errático, de absolutas indefinições, sua vida, sua filosofia, seus olhos tortos indicam-nos, mais que outros, a direção conflitante e paradoxal que temos a seguir.

Em seu número 4, através de artigo do Professor Luciano Donizetti, o APRENDER quer prestar homenagem a esse grande pensador.

Leonardo Maia Bastos Machado
Professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).
Editor Responsável.